

ENTRE MATAS E RIOS:
o cotidiano da infância Tenetehar-Tembé pelas crianças

BETWEEN FORESTS AND RIVERS:
the daily life of Tenetehar-Tembé childhood through children

Vanderlúcia da Silva Ponte*

Maria Amoras**

Joyce Ramos da Silva***

Resumo

Este artigo fundamenta-se no argumento socioantropológico de que as crianças são agentes sociais. Buscou-se analisar o cotidiano da infância Tenetehar-Tembé visando a compreender como a criança se desenvolve, cresce, isto é, **torna-se** um adulto Tenetehar-Tembé. A pesquisa valeu-se do uso de desenhos como perspectiva metodológica que orientou a perscrutar a agência das crianças na organização social, cultural e política dos seus grupos. As análises evidenciaram a participação ativa da criança Tenetehar-Tembé na manutenção do seu território, como foi possível observar nas relações cotidianas da aldeia, como é o caso do compartilhamento dos espaços coletivos de tomadas de decisão, de trabalho, das festas, da vida doméstica e dos processos ritualísticos junto aos adultos. Reconhecer-se como indígena, para os Tenetehar-Tembé, depende do aprendizado sobre a vivência cotidiana no território, como expressaram nos seus desenhos. O processo, portanto, de **tornar-se** adulto e Tenetehar-Tembé demarca a importante relação das crianças com os mais velhos e com os demais seres da natureza na atualização do repertório ancestral que mantém a continuidade do grupo no tempo. Mas, para isso, elas transformam os sistemas configurados pelos adultos e imprimem neles a sua autonomia. Esse processo é compreendido pelos Tenetehar-Tembé como uma estratégia política que fortalece a luta pela garantia da permanência do grupo.

Palavras-chave: Infância. Criança Indígena. Tenetehar-Tembé. Desenho, territorialidades.

Abstract

This article is based on the socio-anthropological argument that children are social agents. We sought to analyze the daily life of Tenetehar-Tembé childhood to understand how the child develops, grows, that is, becomes a Tenetehar-Tembé adult. The research used drawings as a methodological perspective that guided the investigation of childrens agency in the social, cultural and political organization of their groups. The analyzes evidenced the active participation of the Tenetehar-Tembé child in the maintenance of their territory, as it was possible to see it in the daily relations of the village, as is the case of sharing collective spaces for decision-making, work, parties, domestic life and ritualistic processes with adults. Recognizing oneself as indigenous, for the Tenetehar-Tembé, depends on learning about everyday life in the territory, as expressed in their drawings. The process, therefore, of becoming an

* Antropóloga, professora adjunta II da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena (PPGEI/UEPA/UFGA/Ufopa/Unifesp) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Interculturais Pará- Maranhão (GEIPAM). E-mail: vantutorapa@gmail.com

**Antropóloga, professora do curso de graduação e pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do grupo de pesquisa Interfaces: relações étnico-raciais, gênero, geração e corpo em territórios Amazônicos. E-mail: samoras@ufpa.br

*** Graduada em História pela Universidade Federal do Pará e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interculturais Pará- Maranhão (GEIPAM). E-mail: joyce.silva@braganca.ufpa.br

adult and Tenetehar-Tembé marks the important relationship of children with their elders and with other beings of nature in updating the ancestral repertoire that maintains the continuity of the group over time. But, for that, they transform the systems set up by adults and imprint their autonomy on them. This process is understood by the Tenetehar-Tembé as a political strategy that strengthens the struggle to guarantee the permanence of the group. **Keywords:** Childhood. Indigenous Child. Tenetehar-Tembé. Drawing. Territorialities.

Introdução

Este trabalho analisa o cotidiano da infância Tenetehar-Tembé da Terra Alto Rio Guamá pelo ponto de vista das crianças para compreender como se desenvolvem, crescem, isto é, como se tornam um adulto Tenetehar-Tembé. A aproximação com a temática surge de diversas experiências das pesquisadoras com o universo das crianças em diferentes contextos e realidades, mas no caso das crianças Tenetehar-Tembé a pesquisa emerge por meio das atividades de campo no âmbito das pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas Interculturais Pará-Maranhão (GEIPAM/UFPA) com as populações indígenas e quilombolas na região de fronteira entre o Pará e Maranhão.

Entre esses estudos, apresenta neste texto reflexões para o desenvolvimento de uma pesquisa em andamento sobre “Etnicidade, territorialidade e infância: a produção de territorialidades e etnicidades por crianças indígenas e quilombolas”, realizada em parceria com o Grupo de Estudos Educação, Cultura e Infância (Geici/UFMA/2022). A pesquisa em andamento, ora referida, parte da compreensão de que a agência das crianças indígenas e quilombolas é fundamental para a preservação de seus territórios, pois produzem territorialidades e etnicidades, impulsionando também a ação de seus grupos na luta pela preservação do território. Para isso, busca compreender os processos de construção de saberes nas sociedades indígenas e quilombolas, especialmente no que diz respeito às crianças nas relações de aprendizagem. Sua intenção, desse modo, é apreender a inserção delas no seio do grupo e sua relação com o território a que pertencem.

Para dar conta dessa relação das crianças e de suas territorialidades, este artigo traz reflexões obtidas junto às crianças Tenetehar-Tembé nas suas relações cotidianas, nas quais seus corpos agenciam apropriações de seus territórios na experiência da infância no processo de se tornar um Tenetehar-Tembé que, imprescindivelmente, deverá preservar o seu território para a perpetuação dessa comunidade.

Tal como Sousa (2018), este estudo considera a autonomia das crianças e, também, não acredita na autonomia de um universo infantil para analisar a agência infantil no contexto das crianças Tenetehar-Tembé, sustentando o argumento de que a agência das crianças deve ser levada à sério e analisada como forma de compreender as questões estruturais e sistêmicas de uma dada sociedade ou a organização social geral das culturas em que essas crianças estão inseridas.

A noção de agência aqui reivindicada fundamenta-se em Giddens (2003), ao enfatizar a capacidade dos indivíduos de intervir e imprimir mudanças nas suas relações. Nesse sentido,

consideramos a capacidade da criança de produzir processos autônomos na experiência social e de ser propositiva na condução da vida, mesmo sob as mais diversas formas de coerção e subalternização. Justificamos, deste modo, a inserção dessa investigação no campo de estudos socioantropológicos da infância, ou seja, daqueles que – ao observar que as crianças, em diferentes idades, sustentam conceitos relativos ao mundo social – argumentam que a cognição é social e historicamente construída, daí a não passividade na recepção dos valores e atributos sociais e na condução daquilo que lhes dizem respeito (LOPES DA SILVA; MACEDO; NUNES, 2002; COHN, 2005; PIRES 2011).

Deste modo, a infância considerada como uma forma estrutural e as crianças Tembé pertencentes a um povo de traços específicos são premissas que orientam este estudo a fazer a opção por uma abordagem da infância como construção social, pautada no questionamento da universalidade da infância e do universo infantil e na defesa da sua autonomia, pluralidade e diversidade. Um posicionamento político que visa a libertar a criança do determinismo biológico, ao inserir uma epistemologia própria da infância nos domínios do social (COHN, 2000a; 2000b; 2000c).

O percurso metodológico

A pesquisa se valeu dos desenhos das crianças, sendo uma perspectiva metodológica presente nos estudos clássicos da antropologia que ilumina as pesquisas atuais a também perscrutar a autonomia infantil na organização social, cultural e política dos seus grupos. A intenção foi a de compreender a agência infantil dos Tenetehar-Tembé e suas relações no mundo social e sociocósmico. As nossas primeiras investidas no campo nos mostraram um rico repertório das crianças com os desenhos e suas habilidades para assim retratar o que pensam e fazem em seu cotidiano.

Como os estudos de Lagrou (2007), Vidal (2001) e Lagrou e Verlthem (2021) têm mostrado, a pintura corporal é uma linguagem por meio da qual os povos indígenas comunicam suas relações e traduzem seus sentidos de mundo com outros seres do cosmo, sendo as crianças muito cedo inseridas nesse universo e adquirindo com facilidade habilidades para a pintura corporal e o grafismo. Assim, o domínio dessa habilidade é parte do processo de tornar-se um Tenetehar-Tembé.

O emprego, portanto, das fotografias e dos desenhos mobilizados na obtenção dos dados imagéticos não comparecem neste texto como mera ilustração e, sim, como texto de uma escrita compartilhada entre crianças interlocutoras e pesquisadoras. O uso de fotografias, fotografar, técnica utilizada há tempos nos estudos antropológicos desde Malinowisk, Lévi-Strauss, Mead e Bateson, vem ocupando um lugar de grande importância na construção do saber antropológico.

A fotografia de quem desenha e a fotografia do desenho não comparecem como alternativa à escrita deste texto nem, como diz Achutti (2003, p. 01-06), tem a intenção “de

promover um ‘duelo’ entre texto e imagem, mas antes sublinhar o fato de que, mesmo sendo o texto fundamental, a sua associação a outras formas narrativas só pode enriquecer os enunciados antropológicos”. Neste sentido, a intenção maior é a de que o desenho da criança compareça como um dos seus importantes atos de autonomia comunicativa.

O emprego de desenhos das crianças nos textos antropológicos também foi uma técnica muito explorada por Mead e, mais recentemente, por Toren. No presente, entre tantos outros autores que se dedicam às discussões sobre a presença dessa forma de texto das crianças em pesquisas de diversos campos das ciências sociais, Sarmiento (2011) tem contribuições relevantes em termos teóricos e metodológicos. Valemo-nos, portanto, dessas orientações do referido autor na condução da técnica investigativa.

Sarmiento (2011, p. 36) compreende que “os desenhos são decorrentes de processos culturais de aprendizagem de regras de comunicação, com os conteúdos e as suas formas”. Assim sendo, tomamos como pressuposto a ideia de que “a teoria simbólica nos ajuda a interpretar os desenhos das crianças como atos de inserção de uma cultura na forma comunicativa da expressão visual”. Sarmiento (2011, p. 55) também convida a pensar: “O desenho da criança é, afinal, o desenho de um mundo”.

Assim compreendido, buscamos o desenho das crianças para nos possibilitar compreender significados e sentidos da infância. Logo, foi importante considerar o que observa Toren (2006): a autonomia da criança é relativa, pois aprende sobre o mundo que a cerca, toma conhecimento e age sobre ele a partir das relações sociais que estabelece com os outros membros da sua comunidade, estejam eles dispostos horizontalmente ou verticalmente, sejam adultos ou crianças. Assim, o processo de **tornar-se**, evidenciado nos estudos de Toren (2004), nos mostra a pessoa inserida em suas relações sociais com as outras na produção de significados e sentidos, sendo o modo como o indivíduo constrói sua história (“*making history*”).

A experiência de pesquisa com as crianças Tenetehar-Tembé teve início 2018, por meio do projeto “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”¹. A inserção do projeto nas aldeias da referida pesquisa, portanto, ocorreu como desdobramento da pesquisa de doutorado de uma das pesquisadoras², que ao aprofundar seus vínculos com os Tembé foi convidada a produzir material didático para a escola. Através de oficinas de pintura buscávamos retratar o cotidiano das crianças nas aldeias. Geralmente, em atividades com adultos, entrevistando as mulheres, ou em reuniões de planejamento nos projetos de extensão, as crianças solicitavam participação em nossas reuniões. Entendendo essas demandas das crianças,

1Projeto de Extensão aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX EDITAL PROEX Nº 01-A/2018) em que Ana Victoria Santos da Costa, Joyce Ramos da Silva, Marcia do Carmo Sousa, Maria Madalena dos Santos do Carmo, Uarley Iran Peixoto e Pedro Tobias (técnico audiovisual do projeto) atuaram como bolsistas e voluntários, a quem muito agradecemos a colaboração e a participação.

2 Desde 2010, a pesquisadora Vanderlúcia da Silva Ponte desenvolve pesquisa juntos aos Tenetehar-Tembé. Essa vivência nas aldeias tem possibilitado muitos desdobramentos de pesquisa, extensão e ensino, e parcerias com outros(as) pesquisadores(as), razão pela qual a parceria com o Geici/UFMA deu maior relevância ao universo das crianças.

começamos a incluir nas atividades dos projetos de extensão as oficinas de desenho com as crianças, já que elas pediam para desenhar e pintar e diziam querer “brincar” com as nossas bolsistas. Participavam dessas oficinas em torno de 7 a 8 crianças, entre meninos e meninas, elas ficavam muito livres para desenhar o que quisessem, sendo-lhes oferecido papel, lápis de cor e lápis de cera. Por vezes, elas traziam jenipapo³ também.

A principal finalidade da atividade era que as crianças pudessem retratar o ambiente e as práticas que elas vivenciavam cotidianamente por meio de desenhos, dado que nosso propósito central por meio da pesquisa com as crianças era entender como elas produziam suas territorialidades (GALLOIS, 2004). Acompanhamos as crianças nas suas andanças pelo território – no rio, na mata, na escola, nas brincadeiras, nas festas e em outros espaços que nos permitiram frequentar, porque elas estão sempre presentes em todas as atividades das aldeias. Por vezes, algumas dessas crianças nos orientavam em campo, apontando os lugares, nos conduzindo até o rio, nos acompanhando de uma aldeia para outra, ou participando conosco em reuniões e festas rituais, como na festa do *wira’u haw* (ritual que demarca a passagem da menina para vida adulta).

Realizamos em torno de 4 (quatro) viagens de campo, desenvolvidas em distintos momentos: uma atividade de campo para produzir material paradidático para a escola, em que produzimos 3 (três) cartilhas sobre os saberes (de forma que os desenhos das crianças foram incluídos nesse material), uma viagem para acompanhar a festa do moqueado ou *wira’u haw*, outra atividade de campo para acompanhar o aprendizado das crianças da escola no acampamento na mata⁴, e uma última ida à campo para apresentar os resultados do material paradidático avaliado pelos Tembé. Geralmente, as crianças ficavam nas oficinas com as e os bolsistas, enquanto as pesquisadoras conversavam com as mulheres e as lideranças, mas em outros momentos, como em reuniões, festas, rituais e acampamentos nas matas, elas ficavam junto às pesquisadoras, o que facilitava entender os significados de seus desenhos e suas experiências.

A abordagem temática do material paradidático seguiu as sugestões dos professores e das professoras da escola e das lideranças, temas, aliás, muito presentes no cotidiano das crianças, como a ação das karuwaras, os saberes da pesca e da caça, a cura por meio das ervas medicinais e as pinturas corporais. As crianças Tembé, desde tenra idade, conhecem e vivenciam todos esses eventos tematizados nas cartilhas, razão pela qual pareceu-nos importante inclui-las em sua confecção. A escolha dos desenhos ocorreu a partir da relação com o território, forma de linguagem da criança, que salienta maior relevo ao seu mundo, e a sua participação na construção de suas territorialidades.

3 Jenipapo (*Genipa americana*), fruto muito frequente na Amazônia e muito utilizado pelos povos indígenas, que para os Tembé tem poder xamânico, sendo utilizado para pintura corporal e rituais.

4 Todos os anos, no verão, os Tembé desenvolvem uma atividade pedagógica da escola nas matas e nos rios. São momentos que estão presentes no calendário escolar da Escola Félix Tembé e servem para ensinar as crianças como conviver na mata e aprender a caçar e pescar. Serve também para que as crianças fiquem ao redor das fogueiras escutando os “causos”, que os Tembé traduzem como narrativas dos antepassados sobre diversos temas, como caça, pesca, os espíritos, os mitos, entre outros assuntos.

Novas viagens⁵ de campo foram programadas para as aldeias no ano de 2020, mas todas foram suspensas devido à pandemia do covid-19, considerando que a entrada nas aldeias está interrompida até os dias atuais. Apresentamos neste trabalho o material coletado nessas experiências em campo com as crianças para refletir sobre como as crianças se pensam e traduzem seu cotidiano. Para isso, coletamos fotografias, desenhos, entrevistas e analisamos o filme sobre o cotidiano Tembé disponível no Youtube⁶, produzido pelo GEIPAM, em 2017. Mas, optamos por trabalhar apenas com os desenhos e as fotografias, dando centralidade aos desenhos por entendermos que eles comunicam e narram de forma direta como as crianças se pensam e traduzem seu mundo, como Sarmiento nos possibilita refletir.

Na primeira sessão deste artigo, buscamos analisar como se traduz a infância para os Tenetehar-Tembé. Retratando o cotidiano das crianças nas aldeias, destacaremos, principalmente, nesta sessão, como as crianças se constituem na relação com os outros seres da natureza e como produzem seus corpos permanentemente. Procuraremos dar conta do cotidiano das crianças em diferentes espaços e relação com os adultos e as *karuwar(s)*. Na segunda sessão, daremos ênfase à perspectiva das crianças acerca de seu mundo e como elas próprias se vêm no universo das aldeias. Com base em seus desenhos, analisaremos como a criança é ativa e ocupa centralidade nas relações com os adultos, de forma que, pouco a pouco, ela vai adquirindo autonomia, se apropriando e produzindo suas territorialidades.

As infâncias e as crianças Tembé em seu cotidiano nas aldeias

O etnônimo Tenetehar, de origem Tupi, significa o “ser íntegro, gente verdadeira, ou povo verdadeiro”. Segundo a mitologia Tenetehar, eles são um povo primordial, a encarnação perfeita da humanidade. Os Tenetehar estão subdivididos em dois subgrupos, os Guajajara e os Tembé. Os Tembé mencionados neste estudo estão localizados no estado do Pará, na Terra Indígena do Alto Rio Guamá (TIARG), fixados na antiga Reserva Indígena do Alto Rio Guamá (RIARG), nome empregado na década de 1940 para demarcar a transição cultural dos povos indígenas e o processo de assimilação adotado pelas políticas de cunho colonialistas. Estabelecida no nordeste do estado do Pará, entre a margem do Rio Guamá e à margem esquerda do Rio Gurupi, limite sudoeste do estado do Pará com o Maranhão, a TIARG compõe uma área de e 279.897,70 hectares, correspondendo a um conjunto de 30 aldeias, aproximadamente, sendo cada uma dessas aldeias independentes e com autonomia entre si, ao longo dos referidos rios.

O termo infância, tal como interiorizamos, fruto do domínio do pensamento europeu sobre o nosso território colonizado, vem do latim *Infans* que significa – o que não fala ou é incapaz de falar⁷. Durante o século XX, surgem teorias que concebem as crianças como sujeitos de direitos

5 Tínhamos um planejamento, para o ano de 2020, realizar 5 (cinco) viagens de campo. Essas idas a campo serviriam para coleta de dados.

6 Os Tembé – Cidadãos Brasileiros da Floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpCA8pZnwX0>

7 Na cultura latina, o termo *infans* era associado aos que não podiam participar da república (KOHAN, 2008).

e deveres. Com isso, alguns estudos começam a se debruçar sobre o tema, principalmente no campo da psicologia, que apresenta resultados do ponto de vista da aprendizagem. Esses estudos partem da noção de que as crianças vivenciam etapas em seu desenvolvimento que ajudam na sua formação psicoemocional e motora. Essa noção etária e linear da infância nos leva a alguns questionamentos, dentre outros, o questionamento sobre se o desenvolvimento da criança ocorre por etapas para todas as crianças e se a noção de infância se dá da mesma maneira para as diferentes sociedades e culturas.

Segundo Kuhlmann Junior (1998, p. 16), no dicionário da língua portuguesa, a infância é considerada como período de crescimento no ser humano e vai até a puberdade. *De acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), são consideradas crianças todas as pessoas que têm até doze anos incompletos (BRASIL, 1990).* Dentre os vários instrumentos que estabelecem os direitos da criança e garantem seu desenvolvimento e proteção, se encontra a Constituição Federal Brasileira de 1988, que determina prioridade à proteção da infância e da criança, além da garantia de seus direitos, um dever tanto da família, como também do Estado.

O reconhecimento da criança como sujeito de direitos em lei específica, no contexto da nossa sociedade, constituiu-se a partir de muitos anos de luta e embates entre os movimentos sociais, o Estado e a sociedade, além de debates acadêmicos em que se buscava assegurar os direitos das crianças pelo Estado.

Problematizar a história da infância que nos foi imposta, aquela tecida pela cultura do colonizador, nos permite novas perspectivas sobre o assunto, e alarga os nossos horizontes de pensamentos e reflexões, já que ao nos reportarmos às crianças e às infâncias sempre tomamos como referências os estudos de uma cultura branca, adulta, burguesa, urbana e europeia, ou seja, de universos infantis muito distantes das realidades amazônicas e dos contextos culturais indígenas. Isso nos faz pensar que as crianças com as quais convivemos e conhecemos se orientam por outras epistemologias e filosofias diversas do mundo ocidental (AMORAS, 2014; AMORAS; MOTTA-MAUÉS, 2016). A infância é tida como uma condição do ser criança, portanto, é carregada por uma gama de experiências vividas por elas em diferentes lugares e contextos (KUHLMANN JUNIOR, 1998).

A infância, sem dúvida, vem tomando cada vez mais notoriedade entre os temas de investigação das ciências sociais. Desta forma, este trabalho busca contribuir com reflexões que desconstruam visões universalizantes sobre a infância para entendê-la no contexto em que está inserida. O universo infantil, nesse sentido, não é um reflexo do mundo adulto, e muito menos está isolado, pois se move nas relações geracionais e intergeracionais e com os demais seres da natureza por meio das singularidades e autonomias próprias das crianças. Isso significa dizer que as crianças em contextos diversos mobilizam diferentes formas da infância e, inclusive, de deixar de ser criança.⁸

8 Não podemos deixar de pontuar que o “adultocentrismo” ainda é uma matriz forte do pensamento colonial que coloca a criança em um lugar inferiorizado, que nada sabe, enquanto o adulto assume uma posição de poder e de saber, que a subalterniza.

Ao tomarmos as crianças e suas interações como foco de pesquisas, percebemos de imediato, em contato direto com elas, que elas são, ao mesmo tempo, produtos e produtoras da cultura. Aspecto que têm sido amplamente debatidos há mais de três décadas no interior da antropologia, como sistematizou Cohn (2005, p. 35): “esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto”. Com isso, podemos notar como as crianças são influenciadas pelo saber do adulto e como elas também influenciam a construção do seu saber, reforçando a ideia de que elas são atuantes na produção e mobilização das epistemologias e cosmologias dos seus grupos.

Quando nos reportamos às crianças indígenas da América Latina e, em particular, da Amazônia brasileira, logo somos desafiadas a romper com certas estruturas de pensamento e teorias homogeneizantes que nos orientam a imaginar a infância sob o estatuto da filosofia e da sociologia ocidental, aquele que lhe imputa universalismos, padrões e naturalizações dos processos de desenvolvimento, do crescer, do tornar-se adulto, ou seja, o chamado “mundo da criança” das crianças latinas, amazônidas, negras e indígenas, é um mundo prenhe de colonialidades (POZZER, 2018; CHAVEIRO; MINELLA, 2021). Cabe perguntar quem se autodenomina dono do corpo-território⁹ dessas crianças?

Pesquisadoras, como Tassinari (2007), Cohn (2000, 2002, 2005), Sousa (2014), entre outras(os) tão importantes, têm feito o esforço para desconstruir compreensões hegemônicas sobre as crianças e, particularmente, sobre as crianças indígenas brasileiras e seus diversos povos. A partir dos estudos dessas autoras, vimos que o desafio de compreender crianças em territórios diversos se impõe, porque quando nos reportamos às crianças Tembé, assim nos referiremos a elas daqui em diante, percebemos que ainda no ventre materno direcionam a vida dos adultos para as decisões que podem afetar toda a aldeia. Desde a gestação, uma série de transformações ocorrem na vida dos pais e da aldeia de um modo geral que marcará a centralidade da criança em diversos momento da vida.

A notícia da gravidez impõe aos pais da criança uma série de restrições, como as alimentares, comportamentais, sociais, mas também muitas medidas de prevenção e cuidado com os banhos, chás, garrafadas e puxações do ventre materno. A parteira, tão logo a mulher se reconhece grávida, é acionada, dando direção na condução da gestação, mas também da posição correta do feto. Dizem os(as) Tembé, que a criança é “reimosa”¹⁰, por isso, certos cuidados devem ser direcionados a ela. Quando perguntados aos Tembé porque as crianças são “reimosas”, eles explicam afirmando que ela atrai os espíritos da floresta, as *Karuwar(s)*. Isso significa dizer que

9 Corpo-território é um conceito político que evidencia como a exploração dos territórios comuns e comunitários (urbanos, periféricos, quilombolas, indígenas e demais povos tradicionais) implica violentar e subalternizar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio da espoliação (HAESBAERT, 2020).

10 O sistema da reima já foi amplamente analisado na etnologia amazonense, sobretudo por Motta-Maués e Maués (1978). Segundo esses autores, as populações classificam os alimentos considerados danosos ou não para o indivíduo em determinados períodos da vida, criando diferentes e complexas relações entre eles.

o corpo da criança está sendo produzido, porque na concepção Tembé, o corpo é o tempo todo trabalhado, por isso, ele vai se consubstanciando pela experiência diária, no cotidiano da aldeia.

Então, o que se come, o que se faz, mas também os lugares por onde se anda são determinantes na relação com os espíritos que vão performando o corpo da criança Tembé, mas de outros povos indígenas da Amazônia também (BELAUNDE, 2006). Assim, comer caititu, quando se está grávida, pode ofender o bebê, que reage, tornando o caçador “panema”¹¹, mas também ao se banhar no rio, no horário impróprio, o bebê pode atrair “a mãe d’água” porque a mãe do bebê ultrapassou um lugar pertencente à “dona do rio”¹², um ser muito poderoso que pode matar o bebê, por isso, os pais devem também evitar fazer muito esforço, sobretudo a mulher, porque pode prejudicar a criança e a mãe na hora do parto.

Como vimos, desde o ventre materno, a criança muda a rotina dos pais que passam a obedecer a muitas restrições, mas também muitos cuidados para que a gestação transcorra bem e a criança nasça saudável. Tomar as garrafadas, fazer os banhos e asseios, puxar a barriga com a parteira é uma rotina que as grávidas passam a obedecer com rigor, pois são esses remédios, *puràg*, como dizem os Tembé, que podem amenizar o poder reimoso da criança, por isso se esses cuidados não são assegurados, a mulher grávida e o bebê podem prejudicar toda aldeia, como o plantio e manejo da roça, o preparo e construção de canoas, os instrumentos de caça e pesca do marido, dentre outros.

Ao nascer, os cuidados que cercam o bebê são redobrados, seguem dieta alimentar severa para os pais, o resguardo de 40 dias (sem se expor ao sereno e sair de casa), extremo cuidado para que as roupas do bebê não fiquem fora de casa, já que há o risco de seu corpo ser afetado pelo espírito da lua, que pode provocar “quebranto” no bebê. Por isso, logo, as crianças são protegidas com penas de arara em suas cabeças, aderidas com cera de mel ao cabelo, ou pequenas pulseiras vermelhas e pintura de jenipapo em seus corpos. Dizem os Tembé que nesse momento da vida, o espírito da criança não está completamente colado em seu corpo, e há o risco do espírito de bicho (do mato, do rio, e da constelação celeste) se encantar pela criança e levá-la para morar no mundo das *Karuwar(s)*.

Na perspectiva Tembé, todos os seres que vivem e convivem com eles, seja da mata do rio e do céu, têm humanidade como os Tembé, por isso podem afetar os corpos e a vida dos indivíduos. Todos já foram gente e viviam como vivem os Tembé, mas mudaram de corpo, de perspectiva (VIVEIROS DE CASTRO, 1996) no decorrer dos tempos. Então, proteger as crianças com pena de arrara pode evitar de o “bicho” se encantar pela criança e levá-la consigo, já que a pena desvia o olhar para outro ser (bicho). Assim, todo esforço dos pais é feito para manter o espírito da criança em seu corpo e não ser alvejado pelas *karuwar(s)*.

11 Na concepção nativa, o indivíduo perde a habilidade para a caça.

12 Dono refere-se aqui ao “modo generalizado de relação” presente na Amazônia, em que humanos e não humanos, pessoas e coisas, estabelecem de forma assimétrica posição de controle e predação (FAUSTO, 2008, p. 329).

Aprender a usar o jenipapo é uma habilidade que as crianças devem adquirir desde cedo. Os pais permitem que a criança faça a sua própria pintura corporal, o que significa aprender a lidar com o que eles chamam de “ciência”, pois o jenipapo é um ser muito perigoso e poderoso e é o espírito da lua, “ser inexplicável”, como refere Bewãri, pajé da aldeia Sede. Segundo o mito Tembé, a lua era um ser masculino e namorava com uma mulher. Todas as noites ele vinha copular com ela, mas ela não sabia sua identidade, então, a mulher foi pedir conselho para sua avó, que a orientou a passar jenipapo em sua face no momento em que ele fosse deitar-se com ela. Assim ela o fez, mas, ao amanhecer do dia todos ficaram sabendo tratar-se de seu sobrinho. Tão envergonhado ficou o rapaz que ele pediu para o beija-flor levá-lo ao céu, mas, ao subir ao céu, ele vingou-se da mulher, produzindo várias flechadas que a atingiram, provocando-lhe a menstruação. A lua foi transformada em Zahy, por essa razão os Tembé explicam o formato da lua e a pintura do jenipapo.

Elvira Belaúnde (2006), ao coletar diversas versões do mito de Zahy afere tratar-se da memória primordial do incesto, relacionando-o com conhecimento, o desejo de saber (de saber quem é o amante) e o parentesco, já que o mito possibilita a exogamia e a vingança do sangue, elemento xamânico que marca a relação com os espaços cosmológicos, como é o caso da lua. Entre os Tembé, é o espírito da lua, o jenipapo, que marca, na inscrição corporal das crianças, o aprendizado sobre o mundo sobrenatural, o que nos faz pensar que seus corpos são lugares de territorialidades. Territorialidades entendidas aqui como formas de apropriações do espaço, mediatizadas pelas relações culturais, não se trata de estabelecer fronteiras, mas relações entre seres, fluidez no universo sociocósmico, como sinaliza Gallois (2004, p. 40), “(..) a apropriação interdependente de limites étnicos e territoriais é necessariamente uma construção em aberto, e por isso não é necessariamente vivida enquanto um ‘encapsulamento’ definitivo”.

Apesar de “enclausuradas” em um território delimitado pelo estado brasileiro, as crianças Tembé vivenciam inúmeras territorialidades, o que pode significar, tal qual aferiu Gallois (2004, p. 40), “que os limites étnicos não correspondem aos limites territoriais”. Desse modo, tão logo as crianças aprendem a andar, elas são submetidas à festa da criança, ritual em que as crianças preparam seus corpos para o convívio com os espíritos. Assim, é preciso cantar, fazer o mingau para a criança e preparar seu corpo com jenipapo. Esse ritual possibilita que ela se habitue com o cheiro e os efeitos desse ser em seu corpo, pois com poder xamânico forte, o jenipapo pode causar danos ao seu corpo e não deixar que o espírito da criança permaneça em seu corpo. Então, pintar-se com jenipapo, cantar e aprender a manuseá-lo é um aprendizado imprescindível para a criança e para qualquer indivíduo Tembé se manter estável no mundo sociocósmico e não se transformar em *Karuwar*.

Após a festa da criança, os cuidados para evitar determinados espaços e alimentos é fundamental, por isso as crianças seguem com restrição alimentar, resguardos e proibidas de circular nos rios e matas. No entanto, após o jenipapo sair de seus corpos, passam a acompanhar os pais em todas as atividades da aldeia. Entre os Tembé não há uma separação radical entre o

mundo da criança e o mundo do adulto, nem tão pouco, a atenção dos cuidados infantis é uma atribuição unicamente dos pais. De um modo geral, todos da aldeia se tornam responsáveis pela criança, ainda que ela seja o tempo todo ensinada a tornar-se independente e autônoma. Não há, exatamente, um rigor nessa aprendizagem, nem uma exigência direcionada para que ela aprenda, ela, simplesmente, é acompanhada pelos pais em tudo que eles fazem.

Ir à roça, ao rio, participar das festas e rituais, acompanhar os pais em reuniões, acampamentos na floresta e rios, ir à cidade e assistir ao jogo de futebol faz parte da rotina diária das crianças. Não há uma exigência de que elas façam alguma tarefa e ajudem os pais em qualquer circunstância que seja, mas elas são livres para aprender a fazer o que os pais fazem. Então, podem brincar de plantar mandioca, de ralar macaxeira, de pescar no igarapé ou na beira no rio, de pular o Kaê Kaê¹³ e participar das festas e rituais.

Também às crianças é dado aprender as regras e apropriação dos espaços. Há algumas restrições de lugares e horários aos quais elas devem aprender a evitar. As matas e rios são considerados lugares das *Karuwar(s)*, por essa razão as crianças devem sair sempre acompanhadas dos pais e nos horários apropriados, nunca ao meio-dia e às 18 h da tarde. Segundo os Tembé, há o risco da criança, mas dos adultos também, de serem acometidas(os) por “flechada de bicho”, podendo adoecer e adquirir outra alteridade.

Ao mesmo tempo, a criança é livre para brincar com outras crianças, o que não significa que ela não está sendo vigiada por algum adulto, pois o espaço da aldeia é amplo de possibilidades a explorar, já que o brincar é uma maneira dela adquirir habilidades e treino para a vida adulta. Brincar também pode significar fazer festa, dançar, se pintar e interagir com as *Karuwar(s)*, pois nos rituais, as crianças têm seus corpos pintados para “brincar” com elas.

A rotina das crianças tem uma relação com o dia a dia na aldeia, o que significa ir para a roça, se é lá que os pais trabalham, para o rio, se as mães forem lavar roupa, ou ir à escola, se já tiverem idade escolar. No entanto, nem sempre a escola obedece a um calendário rígido, pois são incorporados no calendário escolar as festas, os rituais, os acampamentos nos rios e matas e a festa cultural da aldeia. Da mesma forma, o calendário pode ser afetado em decorrência dos conflitos territoriais, quando os Tembé se consideram em “missão” e fazem a vigilância de seu território ou manifestação política na cidade, momentos em que as crianças acompanham os pais também.

A mudança de menina(o) para mulher ou homem não tem um demarcador de idade preciso, mas depende do primeiro ciclo menstrual para as meninas e da mudança de voz para os meninos, em que ambos precisam passar por um rigoroso ritual. Isso demarca novos aprendizados e diferentes papéis sociais. Ao menino é exigido que se torne um bom caçador; um guerreiro da aldeia, que saiba ser um bom cantor e obter os domínios da pesca; já à menina, que assuma muitas responsabilidades como mãe e mulher e assim saiba bem cuidar da roça, do artesanato, da casa, da pintura, das festas, entre outros atributos.

13 Dança ritual que imita a guariba em momentos de caça.

Nos dias atuais, muitos jovens já saem das aldeias e vão estudar nas universidades, uma vez que poderão assumir outras tarefas e ser inseridos nos serviços públicos que foram introduzidos nas aldeias, podendo tornarem-se professores, enfermeiros, técnicos de enfermagem, agentes de saneamento e agentes comunitários, motoristas, merendeiras, serventes, entre outras funções. Assumir essas novas funções, no entanto, não desvinculam os pais e os(as) jovens de outras tarefas consideradas da “cultura Tembé”, nem tão pouco exclui as crianças de circularem nesses espaços.

No ritual da menarca, os(as) jovens são pintados(as) novamente com jenipapo e vivem três momentos essenciais para adquirem os atributos que o grupo social espera deles(as). O primeiro momento é chamado de “toçaia”¹⁴, quando a menina é pintada de jenipapo – isolamento social a que a menina é submetida ao menstruar – é uma recomendação que todas as meninas devem passar, uma vez que o sangue para os Tembé tem função xamânica e pode prejudicar a mulher se não ficar em resguardo e dieta alimentar severa.

A festa do mingua, quando a menina prepara seu corpo com pintura corporal da lua e da onça e serve mingau da mandiocaba doce para os convidados, demarca transformações. Esse ritual é considerado remédio, pois espera-se que o corpo da mulher se constitua forte e preparado para uma boa gestação e parto. E, também, que adquira, em contato com as *Karuwar(s)*, os atributos da fertilidade, da vida, poderes considerados por excelência da lua.

A festa do *wira’u haw*, ou festa do moqueado, é um banquete ritual de caça servido aos convidados na “brincadeira”. Esse ritual tem complexidade diversa, o que não será possível tratar aqui, mas, de forma geral, ele prepara os(as) jovens com canto, dança, xamanismo e dieta alimentar, para que, em contato com os diferentes espíritos, as *Karuwar(s)*, adquiram as capacidades da onça e da lua. As meninas têm o corpo todo banhado de jenipapo, adquirindo a aparência desse felino animal, e os meninos, recebem a pintura da guariba em sua face.

As mulheres têm grande liderança e força entre os Tembé. D. Célia, capitoa da aldeia *Teko-haw Kaà pitehar*, refere que veio da onça a força adquirida pelas mulheres, e associa ao ritual do *wira’u haw* a incorporação desses atributos como coragem e bravura, dizendo que é a mulher “quem dá a direção”, pois, são elas que dão força aos homens. Homens e mulheres da aldeia aprendem desde cedo a constituírem-se em relação constante com diversos seres que compõem a cosmologia Tembé, por isso, tornar-se homem ou mulher é também construir relação instável entre o mundo das *karuwar(s)* e dos indivíduos Tembé. É por meio dessa relação, com esses seres, que seus corpos vão se performando, sendo nesse universo cosmológico de conflitualidade, inconstância e coesão, que as crianças aprendem que o território (resultado das territorialidades) produz todas essas relações. Sendo, portanto, o modo como elas vão territorializando os espaços, dando-lhes significado e sentido, que se aprende como é ser Tembé, como mostraremos a seguir, por meio de seus desenhos.

14 Toçaia refere-se a um lugar isolado dentro da casa em que a menina fica restrita de contato, podendo interagir somente com a mãe e as mulheres mais velhas. Antigamente, esse espaço era construído afastado da casa, onde era feita uma cabana de palha. Podemos também associar a toçaia às armadilhas que os caçadores fazem para apreender as caças, já que as meninas também ficam presas dentro de casa.

As crianças e seus desenhos: aproximações e interlocuções

As fotografias apresentadas nesta sessão foram produzidas em 2018, nas Aldeia Sede e Pino'a. As imagens (imagem 1, imagem 2 e imagem 3) foram feitas durante a oficina com as crianças, que também tinha como finalidade retratar o cotidiano nas aldeias em momentos distintos. A imagem 01 foi realizada na aldeia Sede, quando coletávamos informações para a produção das cartilhas, a imagem 02 foi produzida durante o acampamento na mata, próximo à aldeia Pino'a quando as crianças desenvolvem por uma semana as atividades escolares para aprender sobre a caça e a vida dentro da floresta. A imagem 03, por sua vez, foi também produzida na aldeia Sede, por ocasião da devolutiva do material didático sobre os saberes.

Imagem 01 – Oficina com crianças



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da Oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Sede. 2018. Fotografia: Pedro Tobias.

Imagem 02 – Crianças na produção de seus desenhos



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da Oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Pino'a. 2018. Fotografia: Pedro Tobias.

Imagem 03 – Oficina com as crianças



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”. Aldeia sede. 2018. Fotografia: Pedro Tobias.

Ao analisarmos as três primeiras imagens, podemos observar que os desenhos expressam como as crianças se veem na aldeia. Na imagem 01, identificamos a presença da floresta e das plantas compondo o dia a dia das crianças. O ambiente doméstico, como a casa, sempre é reportado associado aos elementos da floresta, como árvores, plantas e animais. Em quase todas as cenas dos desenhos aparecem os grafismos do povo Tembé. Como referido na sessão anterior, as crianças desde pequeninas são estimuladas a pintar o próprio corpo com jenipapo, um aprendizado necessário para a convivência com as *Karuwar(s)*, que vivem nas matas e rios, o que nos mostra como esse universo das *Karuwaa(s)*, presente nos grafismos, é um elemento importante de interação com o corpo das crianças, que, no momento em que se pintam, aprendem sobre seu universo cosmológico. Na imagem 02, podemos identificar o grafismo da taboca e da cobra, pinturas que retratam a lua e a jiboia, seres importantes na cosmologia Tembé, que têm força xamânica nos rituais e podem “chamar *as karuwar(s)*”.

Desenho 01 – Evento da pesca



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da Oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Pino’a. 2018. Autor: Kawahane Tembé

Desenho 02 – Evento da pesca



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da Oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Pino’a. 2018. Autor: Richael Tembé.

É possível observar que os rios nos desenhos 01 e 02 estão relacionados ao evento da pesca, que demarca um momento importante no cotidiano da vida das crianças, que desde a tenra idade aprendem como se inserir nesse universo. O rio, assim como a pesca, é cercado de perigos. Seres como a “mãe d’água” podem atacar os indivíduos e deixá-los sem direção, perdidos nos rios, desmemoriados, com possibilidades de acessar outras alteridades e passar a conviver com os seres do fundo, por isso, as crianças brincam de pescar nos igarapés ou próximo da beira dos rios e aprendam que entrar nos rios exige preparo e cuidado com o corpo.

Percebemos como as crianças manifestam o seu cotidiano através dos desenhos, seja pelo desenho da casa na floresta, desenho das árvores ou ações que estão presentes em seu cotidiano, como dormir no mato, como elas fazem quando ficam acampadas na floresta, elementos que se mostram como importantes nessa realidade em que estão inseridas. Podemos com isso confirmar que os desenhos das crianças se afirmam como uma estratégia importante e um recurso metodológico rico para a compreensão de que as crianças e as infâncias só podem ser entendidas em contextos específicos. Assim, as oficinas de pinturas realizadas com as crianças Tembé nos possibilitaram conhecer como elas entendem e agem nesse cotidiano e a realidade em que estão imersas.

Desenho 03 – Aldeia e floresta



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Sede. 2018. Autor: Kawahane Tembé.

No desenho 03, observamos como o cotidiano da experiência do acompanhamento é significativo para as crianças, pois, conforme retrata a figura 03, as crianças e seus familiares dormem na mata e passam a utilizar esse ambiente como um espaço doméstico, estendendo a aldeia para a floresta adentro. O desenho da rede entre as árvores revela como as crianças percebem a floresta, revelando o ambiente da aldeia como um espaço que interage com a mata, podendo ser uma extensão da casa, do espaço familiar, mas também um lugar perigoso, identificado como do “curupira”, por isso, as crianças devem saber lidar com os segredos da caça, conhecer as plantas que os animais comem e saber respeitá-las. Percebemos, assim, como as crianças são agentes conhecedoras da realidade em que estão imersas.

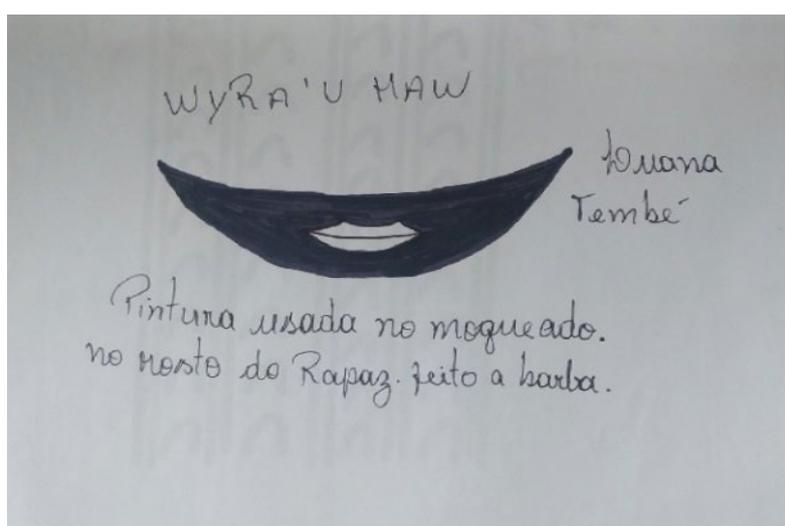
Como exemplo disso, tivemos uma série de desenhos – que serão mencionados a seguir – que remetem às plantas frutíferas que fazem parte dessa realidade Tembé: o açazeiro, o abacazeiro, a planta de favaca, a árvore de graviola, o buiuçu. Há ainda os desenhos que remetem ao ritual do *wiru’haw*, importante cerimônia xamânica que marca as transformações

na vida dos(as) jovens Tembé. Destacamos esses desenhos que retratam essas plantas, as pinturas usadas nos rituais, na caça e na pesca, porque eles foram muito frequentes nos desenhos das oficinas.

No cotidiano das crianças Tembé, é muito comum o manuseio das plantas, pois são elas que ajudam os pais a colher no quintal as diferentes plantas/ervas para os chás e garrafadas. Esse aprendizado é direcionado tanto aos homens quanto às mulheres, pois ter o domínio e os conhecimentos de cada espécie é imprescindível tanto para o caçador, que precisa saber que tipo de planta atrai e alimenta os animais, como para as parteiras, erveiras e raizeiras, que cuidam da saúde de todos da aldeia. As crianças não só aprendem a identificar as plantas de uso medicinal, como as que servem de alimentos, sendo o fruto do açaí, da graviola, do abacaxi, da banana muito presentes nos quintais e roças das aldeias. Geralmente, a classificação das plantas se dá pela identificação do cheiro e textura e não pela espécie.

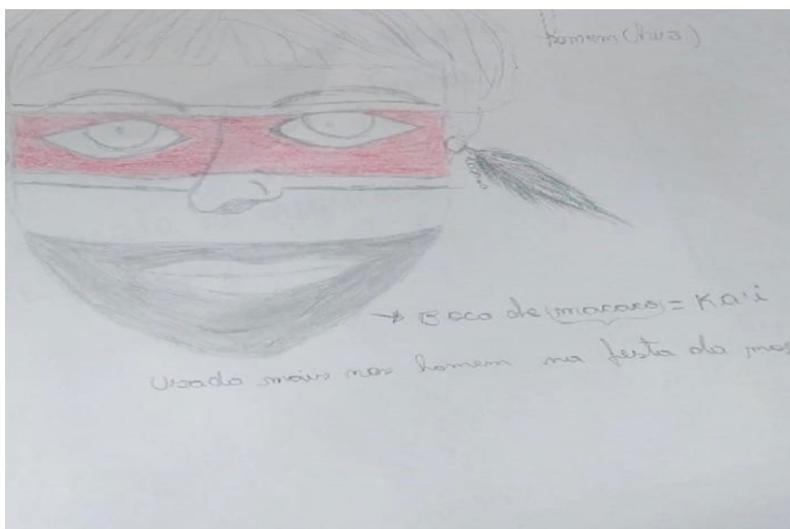
Nos desenhos 06, 07 e 08 podemos identificar como a festa do *wira'uhaw* está presente e tem uma centralidade na vida das crianças. Elas identificam o desenho da guariba, pintura corporal dos meninos durante a festa do moqueado (como podemos comparar na imagem 06 na festa do *wira'uhaw*), aprendendo desde cedo seu significado. Durante as festas, as crianças participam ativamente das “brincadeiras”; elas pulam (dança ritual da guariba) nos colos dos pais ou seguras em suas mãos, mas também em pares com outras crianças, como fazem os adultos, se pintam com jenipapo, passam a defumação do breu na ramada (espaço onde acontece o ritual) e pegam *Karuwar(s)*.

Desenho 06 – Grafismo do rapaz na festa Wyrá' u haw



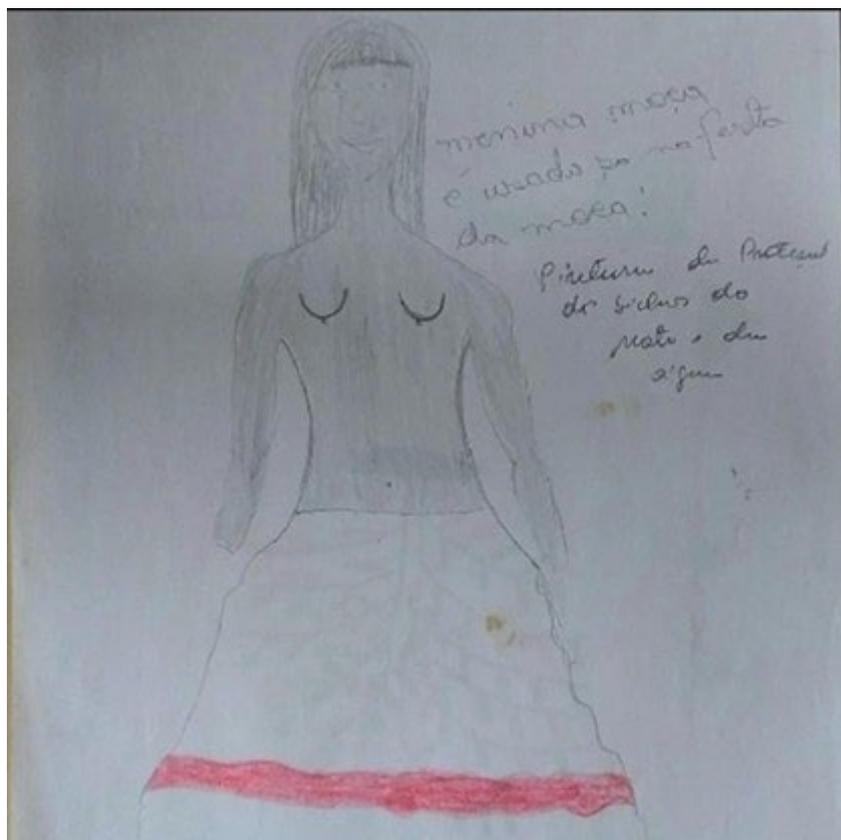
Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da Oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Sede. 2018. Autora: Luana Tembé.

Desenho 07 – Pintura da guariba



Transcrição do desenho: Boca de macaco: Ka'i. Usado mais nos homens na festa da moça. Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da oficina do Projeto de Extensão "Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos", Aldeia Sede. 2018. Autora: Luana Tembê.

Desenho 08 – Menina na festa wira'uhaw



Transcrição do desenho: Menina moça; é usada na festa da moça. Pintura de proteção dos bichos da mata e da água. Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da oficina do Projeto de Extensão "Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos", Aldeia Sede. 2018. Autora: Luana Tembê.

Acompanhamos esses momentos e percebemos que durante as danças e os cantos rituais algumas crianças ficam quase desfalecidas no colo dos pais, segundo o pajé, elas estão com as *Karuwar(s)* em seus corpos. Disse-nos Bewāni que é importante que as crianças saibam lidar com elas, por isso elas não podem se produzir muito, o que significa que o grafismo da criança não pode ser bem traçado e com contornos bem definidos como nos adultos, sendo preferível que elas próprias se pintem, pois a beleza estética da pintura corporal atrai as *Karuwar(s)* e como as crianças estão com os corpos em formação (o espírito não está totalmente colado em seus corpos) elas correm o risco de as *karuwar(s)* levarem seus espíritos.

Imagem 04 – festa *Wira'uhaw*



Fonte: GEIPAM. Imagem Festa *Wira'uhaw*. 2019. Aldeia Sede. Fotografia: Pedro Tobias.

Os rituais, por exemplo, se apresentam como parte importante na vida social e sociocósmica Tembé, pois, “são períodos ritualísticos necessários para criar processos que desencadearão uma boa condição física, saúde e, conseqüentemente, uma longevidade dentro de seu universo material e simbólico” (COELHO, 2014, p. 62).

Os meninos e as meninas que participam do ritual têm seus corpos pintados com grafismo, com a tinta do jenipapo. As meninas têm seus corpos totalmente pintados, semelhantes à onça preta, e os meninos com a pintura da guariba e da meia-lua em seu peitoral. Essas pinturas têm todo um significado, pois nos corpos em transformação, como é o caso das jovens púberes e dos jovens rapazes que mudam de voz, o intuito é que eles adquiram as potências e capacidades desses animais em suas vidas para que cresçam fortes, corajosos e hábeis, como a guariba. Da menina se espera que seja uma mulher de iniciativa, corajosa, brava e saiba conduzir sua família e demarcar o território como fazem as onças, do homem, que desenvolva a habilidade da caça e da cantoria, qualidades que o faz ser um bom caçador.

As crianças Tembé possuem conhecimento sobre seus rituais e práticas desde muito cedo, ou seja, são conhecedores das festas, das plantas, da caça, da pesca, e dos locais que podem frequentar, pois são sabedoras dos segredos das matas e rios, e conhecem os lugares em que os espíritos ou *Karuwar(s)* podem lhes atacar. Exposto isso, notamos que elas aprendem através das suas vivências dentro do território, e essas vivências estão ligadas às práticas dos saberes ancestrais.

Durante uma semana, há realização do acampamento na floresta, do qual participam crianças, professores – indígenas e não indígenas – e alunos indígenas. Nele, os mais velhos repassam os conhecimentos sobre a caça, extração de frutas, pesca, mitos e os conhecimentos tradicionais aos mais novos. Por meio dos mitos, rituais e eventos na mata e nos rios, as crianças aprendem ativamente, agindo no território, experimentando e repetindo o que os adultos fazem, mas também reinterpretando essas experiências. Nas palavras da Ana Paula da Silva Rocha¹⁵, moradora da Aldeia Pino'a:

Bom, esse acampamento ele é muito importante até pela tradição de nunca se perder a tradição, [...] que não deixe se perder, então por isso, primeiramente é importante por isso não deixar se perder e ensinando as crianças né, as crianças vão crescendo já com esse costume, com essa tradição então eles nunca vão deixar se perder, aí por isso que eu acho importante que eles vão aprendendo mais pra não se acabar.

Com as imagens 05 e 06, queremos mostrar como esse aprendizado é prático e ativo, e como a criança participa diretamente desse aprendizado. Nestas duas imagens, mostramos dois momentos vivenciados pelas crianças durante o acampamento, a primeira imagem se dá no âmbito da caça, realidade que elas já presenciam desde cedo, e a segunda é o ato de colher o açaí, fruto que é muito comum na Amazônia, servindo como fonte de alimento. Ambas as imagens são retratadas nos desenhos das crianças, como podemos ver no desenho 09 em que há uma criança caçando o tatu, e no desenho 04, a árvore do açaí, revelando a inscrição desses eventos em seus pensamentos e em seus corpos.

15 Entrevista de Ana Paula da Silva Rocha, moradora da Aldeia Pino'a, durante o acampamento de 2018. A entrevista foi conduzida para que a entrevistada falasse um pouco da época em que ela era criança e da sua realidade (na roça, pesca).

Imagem 05 - Após a caça



Fonte: GEIPAM. Acampamento 2018 – Aldeia Pino'a. Fotografia: Pedro Tobias.

Imagem 06 – A colheita do açaí



Fonte: GEIPAM. Acampamento 2018 – Aldeia Pino'a. Fotografia: Pedro Tobias.

Desenho 09 – Representação do caçador



Fonte: GEIPAM. Desenho produzido através da Oficina do Projeto de Extensão “Saberes da Floresta: interações interculturais em processos educativos”, Aldeia Sede. 2018. Autor: Wewew Tembé.

O que podemos entender com esses desenhos? E o que eles retratam? Podemos dizer que, por meio dos desenhos, as crianças criam uma linguagem própria de como se veem no mundo para compreender como o mundo lhes é apresentado. No entanto, elas (as crianças), de alguma forma, reconstróem esse mundo, dando-lhes sentido e explicação. É uma forma muito criativa de produzir seus próprios corpos e criar as inscrições do mundo nele, pois o grafismo e a pintura corporal, enquanto linguagens, produzem traduções diferentes da oralidade e da escrita acerca da inscrição do mundo no corpo.

Podemos, assim, dizer que a criança inscreve e traduz o mundo em seus corpos. Quando ela desenha no papel esse corpo, é o corpo territorializado que está sendo inscrito, já que o mundo indígena é constituído de muitos seres invisíveis, que também estão presentes em seus pensamentos, interagindo com as crianças e produzindo seus corpos como pessoa e território, como fazem as *karuwar(s)* entre os Tembé.

Considerações finais

O cotidiano das crianças Tenetehar-Tembé é permeado de práticas e convivências sociais e culturais nas quais a criança é preparada para se tornar adulto desde a infância, acompanhando os mais velhos no meio social – em reuniões e em processos ritualísticos (COELHO, 2014). Toda essa experiência depende do seu reconhecimento enquanto indígena e logo depende do território para desenvoltura dessas práticas, que se tornam de extrema importância no atual contexto em que vivemos – acometido das invasões de suas terras, conflitos com grandes proprietários de terras, diminuição do espaço territorial.

São conflitos que se originam no período colonial e que foram se estendendo ao longo dos séculos, gerando inúmeros obstáculos à circulação dos indígenas no território brasileiro (PONTE, 2016). Este trabalho, portanto, pretendeu ser uma contribuição a mais aos estudos que têm feito o esforço para mostrar que a infância não é vivida de forma universal e que as crianças indígenas também não são únicas, são diversas. Neste caso, as crianças aqui retratadas estão dentro de um meio social e sociocósmico em que a cultura se diferencia da dos não indígenas.

As práticas dentro da aldeia, circundadas por matas e rios, movimentam os processos ritualísticos que se apresentam de forma vital para a compreensão da concepção de infância para os Tenetehar-Tembé. Nesse sentido, é importante reforçar esse campo teórico reafirmando que, para o reconhecimento dos sentidos de infâncias, é preciso considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais e cosmológicas, reconhecê-las como produtoras da história e levá-las à sério nas pesquisas.

Isso significa dizer que a infância, apesar de sua aparente universalidade e de toda a sua defesa internacional como um direito inalienável das crianças, não se realiza de igual maneira em todos os setores sociais. Assim, ser criança varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior de uma mesma família e diferir de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, transforma-se historicamente a depender da definição institucional da infância dominante em cada época (PINTO; SARMENTO, 1997).

Por fim, esperamos ter contribuído com futuros estudos que se empenhem pela assertiva de que as crianças são sujeitos atuantes, partícipes da manutenção dos seus grupos no tempo. Por isso, são reprodutoras e produtoras do conhecimento, influenciam e são influenciadas pela cultura. E, o modo como as crianças Tenetehar se tornam um Tembé ensina-nos a vê-las como agentes importantes e fundamentais para a fortalecimento das lutas do seu povo pelo território tradicionalmente ocupado (GALLOIS, 2004).

Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotos e palavras, do campo aos livros. **Revista Studium**, 2003. Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/12/index_win.html Acesso em: 12 de jul. 2021.
- AMORAS, Maria. “**No Abacatal (também), uma Flor**”: um estudo antropológico sobre a relação criança & trabalho. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- AMORAS, Maria; MOTTA-MAUÉS, Angelica. Ser um trabalhador/tornar-se um abacataense: criança, socialização e aprendizagem em uma comunidade quilombola da Amazônia-PA. **Latitude**, Maceió, v. 10, n. 2, p. 251-285, 2016.
- BELAUNDE, Luiza Elvira. A força dos pensamentos, o fedor do sangue: hematologia e gênero na Amazônia. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 1-39, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012006000100007> Acesso em: 12 jul. 2021.

- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, DF: Casa Civil, 16 jul. 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266 > Acesso em: 08 jun. 2020.
- CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa; MINELLA, Luzinete Simões. Infâncias Decoloniais, Interseccionalidades e Desobediências Epistêmicas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 1-19, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/43661> Acesso em: 12 jul. 2021.
- COELHO, José Rondinelle Lima. **Cosmologia Tenetehara Tembé: (re) pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto rio Guamá.** 2014. 174 f. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- COHN, Clarice. **Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá.** **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 195-222, 2000a.
- COHN, Clarice. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. *In:* SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Angela. **Crianças indígenas: ensaios antropológicos.** São Paulo: Global, 2002. p. 117-149.
- COHN, Clarice. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado.** 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000b.
- COHN, Clarice. Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil. **Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 9, p.13-26, 2000c.
- FAUSTO, Carlos. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 329-366, 2008.
- GALLOIS, Dominique T. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? *In:* RICARDO, Fany. (ed.). **Terras Indígenas e Unidades de Conservação da natureza: o desafio das sobreposições.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. p. 37-41.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil, uma abordagem história.** Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LAGROU, Els; VELTHEM, Lúcia H. VAN. Artes indígenas: Outros olhares. **BIB**, São Paulo, v. 87, n. 3, p. 133-156, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/bib8706/2018> Acesso em: 17 ago. 2021.
- LAGROU, Els. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre).** Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera (org.). **Crianças Indígenas, ensaios antropológicos.** São Paulo: Mari: Fapesp: Global, 2002
- MAUÉS, Raymundo Heraldo; MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. O modelo de “reima”: representações alimentares em uma comunidade amazônica. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 77, p. 120-147, 1978.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. *In:* PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **As Crianças: contextos e identidades.** Braga, Portugal: Universidade do Minho: Centro de Estudos da Criança: Ed. Bezerra, 1997. p. 9-29.
- PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro?: religião e infância no semiárido nordestino.** Rio de Janeiro: E-papers; João Pessoa: UFPB, 2011.

- PONTE, Vandelúcia da Silva. Território (híbrido) e territorialidade Tenetejar-Tembé. *In*: TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino; SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes da; ESTERCI, Neide (org.): **Territórios, mobilizações e conservação socioambiental**. São Luiz: EDUFMA, 2016. p. 95-128.
- POZZER, Suzan Alberton. **Infância e (de)colonialidade**: reflexões sobre a formação humana. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Os desenhos das crianças como produtoras simbólicas. *In*: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas-SP: Autores Associados, 2011. p. 27-60.
- SOUSA, Emilene L. **Umbigos enterrados**: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- SOUSA, Emilene L. **Autonomia do Universo Infantil versus Autonomia Infantil**: a agência das crianças no contexto camponês Capuxu. *Temáticas*, Campinas, v. 26, n. 51, p. 179-214, fev./jun. 2018.
- TASSINARI, Antonella. Concepções Indígenas de Infância no Brasil. **Revista Tellus**, Campo Grande, n.13, p.11-25, out. 2007.
- TOREN, Christina. Becoming a Christian in Fiji: an ethnographic study of ontogeny. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, Londres, n. 10, p. 221-240, 2004.
- TOREN, Christina. Como sabemos o que é verdade? O caso do Mana em Fiji. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, p. 449-477, 2006.
- VIDAL, Lux Boelitz. **As artes indígenas e seus múltiplos mundos**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 11-41, 2001.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

Recebido em: 15/07/2021

Aceito em: 06/12/2022